

A RELAÇÃO DO TEMPO E DA ETERNIDADE¹

John Ellis McTaggart

Tradutor: Gionatan Carlos Pacheco²

Recebido em: 11/2019

Aprovado em: 03/2020

1. A verdadeira natureza do Tempo, e especialmente a questão de até que ponto é absolutamente real, têm sido muito discutida na filosofia. Mas, penso eu, que não há ambiguidade em falar do Tempo. Cada um significa por Tempo a mesma característica da experiência - uma característica presente na experiência de cada um de nós.

2. Eternidade é uma palavra mais ambígua. É usada em pelo menos três sentidos distintos: denotar tempo infinito, denotar a atemporalidade de verdades e denotar a atemporalidade de existências.

O primeiro sentido não precisa nos deter por muito tempo. É admitido que seja um uso impróprio da palavra e só é importante devido à sua frequência. A grande maioria das pessoas, por exemplo, que diz que acredita que viverá eternamente, não significa que acredita em uma vida eterna, mas que acredita em uma vida no tempo que nunca terminará. Esta não é a única ideia na concepção popular de imortalidade, nem a melhor, mas é a mais comum. Nesse sentido, a relação da Eternidade com o Tempo é, com efeito, muito simples. Tempo - Tempo finito - é simplesmente uma parte da Eternidade.

Passamos aos significados mais profundos da Eternidade. Mas, primeiro, gostaria de dizer que, embora possa ser uma visão superficial da Eternidade não ver nela nada além de um Tempo sem fim, ainda assim não posso considerar a questão da existência sem fim no tempo,

¹ Publicado originalmente em "Mind: a Quarterly Review of Psychology and Philosophy" 18 (71), pp. 343-362, Jul. 1909.

² Discente do Doutorado em Filosofia do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria. Possui graduação em Filosofia (2012-2016) e mestrado (2017-2019) pela Universidade Federal de Maria.

com o desdém com que às vezes é tratada. Se, por exemplo, fosse provado que a verdadeira natureza do homem foi atemporalmente eterna, ainda não consigo ver que a questão de sua existência futura no tempo seria insignificante ou sem importância. Essa, em qualquer teoria, teria tanto significado quanto a declaração de sua existência atual no tempo - que pode ser parcialmente inadequada, mas certamente tem algum significado. E pode muito bem ter grande importância. Isso, no entanto, é uma digressão.

3. O segundo sentido no qual a Eternidade é usada é denotar a atemporalidade que se diz possuir todas as leis gerais e, de fato, todas as verdades, tanto particulares quanto gerais. “Os ângulos de um triângulo são iguais a dois ângulos retos”. “O flash de um canhão distante é visto antes que seu estrondo seja ouvido”. “A data da batalha de Waterloo é o 18 de junho de 1815”. Destas verdades, as duas últimas têm referência ao tempo, e a terceira não é uma lei geral, mas um fato particular. No entanto, diz-se, todas as três verdades são atemporais. O conhecimento de qualquer homem sobre eles, de fato, é um evento no tempo. Que começa em um determinado momento e tem uma certa duração. E pode ter havido tempos em que nenhuma dessas verdades era conhecida por nenhuma pessoa. Mas a verdade, diz-se, deve ser distinguida tanto do nosso conhecimento dela, que está no tempo, quanto do assunto mencionado, que pode estar no tempo. E a verdade, diz-se, é sempre atemporal.

Há muito a ser dito para essa visão; mas também, penso eu, há algo a ser dito contra ela. Não proponho discuti-la aqui. Isso nos levaria longe demais e não é essencial para o nosso propósito. Pois, se definirmos a Eternidade dessa maneira, a relação da Eternidade com o Tempo é muito simples. É simplesmente a relação de uma verdade com o objeto da verdade. Sobre toda substância existente no tempo e sobre todo evento no tempo, por mais fugazes ou efêmeros que sejam, muitas proposições - na verdade, um número infinito de proposições - serão verdadeiras. E como, nessa visão, nada que exista será eterno, mas apenas as verdades sobre eles, a relação entre Eternidade e Tempo será simplesmente um caso da relação entre uma verdade e a realidade da qual ela é verdadeira. O que é essa relação, de fato, constitui uma questão altamente interessante. Mas as naturezas especiais da Eternidade e do Tempo não entrarão nela.

Tampouco o estabelecimento de uma Eternidade, nesse sentido, nos dá uma nova visão da natureza da realidade, nem nos permite vislumbrar maior permanência ou estabilidade no universo do que aparece em uma visão *prima facie* da experiência. Tudo, sem dúvida, tem nessa visão uma certa conexão com a Eternidade. Mas tudo tem exatamente a mesma conexão, e isso sem nenhuma transformação de sua natureza, mas tomando-a exatamente tal como parece.

Podemos nos olhar *sub quadam specie aeternitatis*, pois cada um de nós existe, e a verdade de sua existência é eterna. Mas então, - por uma hora ou duas - um grupo-ponte (*bridge-party*) existe, e pode ser visto *sub quadam specie aeternitatis*, tão facilmente quanto um ser humano. E o mesmo acontece com as bolhas em um copo de água com gás - não quero dizer a substância da água, mas a forma que ela assume por um momento.

E até os eventos têm a mesma atemporalidade. Se espirrei no último dia de Natal, a verdade que expressa esse evento é, nesse sentido da Eternidade, tão eterna quanto a verdade do amor, ou da existência do homem, ou da existência de Deus, se ele existir. Nenhuma pessoa e nenhuma coisa são eternas nessa visão. Mas sobre todas as coisas, permanentes, efêmeras, elevadas e baixas, existem inúmeras verdades eternas. A conclusão pode estar correta, mas não pode ser chamada de muito interessante ou significativa.

A contemplação das verdades eternas, de fato, pode ser interessante e significativa no mais alto grau, mesmo sendo - como Spinoza parece ter sustentado - a atividade mais alta de que o espírito é capaz, pode ser posta em dúvida. Mas então a contemplação das verdades eternas não é em si uma verdade. É uma atividade. E não pode, portanto, ser eterno no sentido que discutimos até agora.

4. Passamos ao terceiro significado da Eternidade, que nos ocupará pelo resto do artigo, no qual é usada a atemporalidade das existências. A existência é, penso eu, como o Tempo, fundamental (*ultimate*) demais para admitir definição. Mas não é difícil determinar a denotação da palavra. Na medida em que as substâncias, ou as qualidades e relações das substâncias, são reais, elas existem. Na medida em que os eventos são reais, eles existem. Por outro lado, se as verdades e as idéias que são as partes constituintes das verdades têm alguma realidade independente, não é uma realidade da existência - embora, é claro, nossas *percepções* de tais verdades existam, pois são eventos psíquicos. Assim, o Imperador da China existe. Seu caráter moral e as influências recíprocas entre ele e seus súditos existem. O mesmo acontece com os eventos de sua vida cotidiana. Por outro lado, a Lei do Terceiro Excluído, a Lei da Gravitação e outras proposições verdadeiras não existem, embora meu conhecimento da Lei do Terceiro Excluído exista como um evento em minha mente.

O que quer que seja temporal existe. Isso parece ser geralmente admitido, pois os pensadores que sustentam que verdades e idéias têm uma realidade que não é existência, admitem que essa realidade seria atemporal. Tudo o que é temporal então, e é real, existe. Mas o inverso é verdadeiro? Toda existência é temporal?

Toda existência que se apresenta como parte de nosso mundo comum de experiência se

apresenta como temporal. Mas pode haver realidade que não se apresenta a nós no curso normal das coisas, ainda que a pesquisa possa revelar sua presença. E, novamente, uma coisa pode se apresentar de uma maneira mais ou menos enganosa. E é frequentemente sustentado que temos razões para acreditar que alguma realidade que existe, existe atemporalmente - não apenas no sentido de que sua existência dura por um tempo sem fim, mas no sentido mais profundo de que não está no tempo absolutamente.

5. A possibilidade de existência atemporal tem sido negada. Lotze, por exemplo, faz do tempo uma característica essencial da existência - sua terminologia é diferente, mas chega a isso. Mas a opinião geral dos pensadores tem sido a contrária. Pois a maioria dos homens acredita na existência de um Deus, e a maioria daqueles que não acreditam em Deus acreditam na existência de algum Absoluto impessoal. E Deus ou o Absoluto geralmente tem sido concebido como atemporal. Isso não tem sido universal. Lotze considera Deus existindo no tempo. E entre os escritores teológicos, sem dúvida, houve quem, quando eles chamaram Deus eterno, apenas quiseram dizer que ele existia por um tempo sem fim, ou que sua natureza não mudava. Mas, como regra, a filosofia e a teologia sustentam que Deus existe atemporalmente.

Parece-me que esta opinião - que a existência atemporal é possível - está correta. Existir e estar no tempo parece-me duas características, uma bem distinta da outra. E, embora pareça claro que nada poderia estar no tempo sem existir, não vejo nenhuma impossibilidade correspondente em algo que existe sem estar no tempo. Nesse caso, a existência atemporal é possível. Se é real - se temos motivos para acreditar que algo existe fora do tempo - é uma questão que não discutirei neste artigo. Meu objetivo aqui é apenas discutir a relação da existência no Tempo com a existência na Eternidade, caso exista uma tal existência eterna.

6. Nós, que estamos tentando avaliar a relação, parecemos existir no tempo, se realmente existimos ou não. Não é estranho, portanto, que os homens tenham se esforçado para expressar sua relação com o Eterno por termos emprestados do Tempo, e dizer que o Eterno é presente, passado ou futuro. Consideraremos qual desses termos é a metáfora mais apropriada e se algum deles é mais do que metáfora.

Em primeiro lugar, podemos considerar que a existência no Tempo e a existência na Eternidade são igualmente reais. Então, como a mesma coisa claramente não pode tanto existir no tempo quanto atemporalmente - se ambos os predicados são tomados no mesmo sentido e como igualmente reais - a única possibilidade seria que algum ser existente estivesse no tempo e algum ser existente estivesse fora dele. (Isso é exemplificado na visão teológica muito comum, segundo a qual Deus existe atemporalmente, mas tudo o mais existe no tempo.) Qual seria a

relação, nesse caso, entre o temporal e o eterno?

O eterno é frequentemente mencionado, nessas circunstâncias, como um “presente eterno”. Como metáfora, isso tem, como veremos, alguma adequação, mas acho que não pode ser considerado mais do que uma metáfora. “Presente” não é como “existência”, um predicado que pode ser aplicado no mesmo sentido ao temporal e ao atemporal. Pelo contrário, seu significado parece incluir uma referência distinta ao tempo e uma referência distinta ao passado e ao futuro. O Presente foi futuro e será passado. Não digo que essa seja uma definição adequada do presente, mas parece ser uma característica essencial do presente. Nesse caso, o atemporal não pode estar presente. O eterno, o atemporal, deve ser distinguido do que existe inalterado no tempo. As Pirâmides existem no tempo, mas elas existem há milhares de anos, através dos quais elas têm sido presentes. E supondo que os seres humanos estivessem realmente no tempo, mas também imortais, poderíamos dizer de todo homem, depois que ele nasceu, que ele estaria presente infinitamente, pois em todos os momentos futuros ele existiria. Mas a persistência ao longo do tempo é, como vimos, algo completamente diferente da existência atemporal.

7. Há uma razão, penso eu, que tem levado a considerar o eterno como um presente eterno, a qual repousa sobre uma confusão. De qualquer coisa que exista no tempo, meu julgamento “É verdade que X existe agora” é verdadeiro quando X está no presente e não quando X está no futuro ou no passado. Agora, supondo que Z exista eternamente, meu julgamento “Agora é verdade que Z existe” será sempre verdadeiro. Por isso, acredito, supõe-se que Z esteja sempre presente. Mas isso é uma confusão. Pois “Agora é verdade que Z existe”, onde o “agora” se refere à verdade do julgamento de que Z existe, não é de modo algum o mesmo que “É verdade que Z existe agora”, onde o “agora” refere-se à existência de Z. Um julgamento é um evento psíquico em minha mente e está no tempo, mesmo se eu estiver julgando o atemporal, de modo que “agora” seja uma palavra apropriada para usar sobre ele. Mas “agora” não pode ser usado sobre a existência do atemporal em si mesmo.

8. Como metáfora, no entanto, há considerável aptidão para chamar o eterno de presente. Em primeiro lugar, o futuro e o passado estão sempre mudando de posição em relação a nós. O futuro está sempre se aproximando, enquanto permanece futuro. O passado está sempre indo mais longe, enquanto ainda permanece passado. O presente, no entanto, enquanto permanece presente, não muda dessa maneira. Está continuamente nascendo do que era o futuro. Está mudando continuamente para o passado. Mas, como presente, isso não muda em sua relação a nós.

Isso fornece uma certa analogia ao atemporal que, é claro, não é capaz de mudança. O

atemporal não muda e, portanto, nada no atemporal pode trazê-lo para mais perto de nós ou para mais longe de nós. E a constância que isso envolve tem uma analogia com a constância do presente enquanto permanece presente.

9. Em segundo lugar, o presente é sempre considerado como tendo mais realidade do que o passado ou o futuro. Tanto é assim que não sentimos inadequação ao dizer algo que não existe atualmente é algo que não existe. Não deveríamos achar estranho dizer que o Sacro Império Romano não existe e que é a mesma expressão que devemos aplicar sobre a Utopia de More. E, no entanto, não pretendemos negar mais a existência passada do Sacro Império Romano do que a existência atual do Reino Unido. Agora o eterno não aparece com a realidade diminuída do passado e do futuro. Tem toda a realidade de que sua natureza admite. E o eterno é geralmente considerado mais real que o temporal, pois, quando alguma realidade é considerada eterna e outra temporal, é Deus ou o Absoluto que é considerado eterno, e o criado ou finito que é considerado temporal. Assim, parecerá mais com a realidade do presente do que com a realidade do passado ou do futuro e, portanto, será uma metáfora apropriada considerá-lo presente. Este é especialmente o caso quando consideramos nossas emoções em direção ao eterno - um ponto de grande importância, pois o eterno nesse caso seria, como acabamos de dizer, Deus ou o Absoluto. É claro que as emoções de um homem que amava um Deus eterno ficariam muito mais próximas das emoções de um homem que amava um ser existente no tempo presente, do que as emoções de um homem que amava um ser que deixou de existir, ou que ainda não veio a existir.

10. Em terceiro lugar, deve-se lembrar que é apenas o presente, e não o passado ou o futuro, que consideramos capaz de exercer influência causal imediata. O futuro não é concebido como sendo uma causa de todo, uma vez que a causalidade sempre vai para o que vem depois, e nunca volta para o que é anterior. O passado é certamente considerado como uma causa, mas não imediatamente. O passado produziu o presente, e também a causa remota do que o presente está agora ocupado em produzir. Mas não é a causa imediata do que está sendo produzido agora. Esta, penso eu, é a maneira inevitável de encarar a causalidade em conexão com o tempo. Se leva a contradições - e não eu digo que não - são contradições que surgem da natureza do tempo. Elas podem afetar nosso julgamento sobre se o tempo é definitivamente real, mas não podemos nos livrar delas enquanto observamos as coisas no tempo.

Agora o eterno pode ser encarado como uma causa. Não desejo indagar se a visão está correta, o que geralmente é sustentado, de que o eterno pode ser a única causa de qualquer coisa. Mas não há dúvida de que, se existe algo eterno, ele pode ser uma causa-parcial (*part-cause*)

de um efeito, de modo que o efeito poderia ser diferente do que tem sido, não fosse pelo ser eterno. E a causa deste ser eterno deve ser considerada imediata, da mesma maneira que a causa de um ser presente no tempo. Por essa razão, também, então, o presente é uma metáfora apropriada para o eterno. Mas não pode ser mais do que uma metáfora. A presentidade envolve tempo e não pode ser atribuída ao atemporal.

11. Devemos agora considerar outra teoria sobre o assunto da existência atemporal. Esta sustenta que toda a existência é realmente atemporal, e que a aparência *prima facie* do Tempo que nossa experiência apresenta é, na realidade, apenas uma aparência que disfarça a natureza da realidade atemporal. Nesse caso, não devemos, como no caso anterior, dividir toda a existência em dois fatos, um eterno e outro temporal. Toda a existência será eterna. E, embora isso exclua a possibilidade de alguma coisa ser realmente temporal, ainda deixa em aberto a possibilidade de que parte dela, ou mesmo todas, possam nos parecer temporais.

A teoria da irrealidade do Tempo é sem dúvida muito difícil de entender completamente. E, sem dúvida, apresenta muitas dificuldades. Não pretendo, neste artigo, defendê-la, ou mesmo desenvolvê-la longamente, mas apenas considerar, como anteriormente, qual seria a relação do Tempo com a Eternidade, se a teoria fosse verdadeira. Não se pode duvidar que valha a pena considerar as consequências dessa teoria. Pois é uma que é amplamente aceita pelos filósofos. A natureza exata da Eternidade na filosofia de Spinoza, e sua relação com o tempo, é um problema muito difícil, especialmente porque não é improvável que o próprio Spinoza não tenha distinguido com clareza suficiente entre a atemporalidade das verdades e a atemporalidade da existência. Mas a doutrina de que toda a realidade é atemporal era inquestionavelmente mantida por Kant - embora ele talvez não tivesse usado essa expressão. Foi defendida por Schopenhauer. Era uma doutrina fundamental da filosofia de Hegel e, a esse respeito, os hegelianos seguiram seu mestre mais de perto do que em outras doutrinas. E, atualmente, é realizada pelo maior dos filósofos vivos, o Sr. Bradley. Se nos voltarmos dos filósofos para teólogos, encontraremos a mesma doutrina. A visão de que toda realidade é atemporal não é tão geral, é claro, entre os teólogos, como a visão de que alguma realidade é atemporal. Mas a teologia nunca, em nenhum país ou época, permaneceu por muito tempo intocada pelo misticismo. E a irrealidade do tempo, embora não seja mantida por todos os místicos, é um dos princípios místicos mais característicos.

Mais uma vez no Extremo Oriente, onde a filosofia e a teologia não admitem sequer essa distinção parcial possível no Ocidente, encontramos a doutrina da irrealidade do tempo assumindo importância fundamental.

Uma teoria que atraiu tanto apoio, e que continua atraindo tanto nos dias atuais, deve, certa ou errada, ter muito a dizer em seu favor. Professores tão grandes e tão diferentes não adotam essa doutrina sem motivos graves. Pela minha parte, estou convencido de que, apesar das grandes dificuldades que pertencem à teoria, ela deve ser aceita como verdadeira. No momento, porém, estou apenas preocupado em apontar que, seja a teoria verdadeira ou falsa, não é perda de tempo considerar quaisquer consequências que se seguiriam ao aceitá-la.

12. Qual é a descrição precisa que devemos dar ao Tempo nesta teoria? Não podemos chamá-lo de erro, pois perceber as coisas a tempo não envolve necessariamente um julgamento errado. Se uma pessoa que percebe as coisas no tempo acredita que elas realmente estão no tempo, isso seria, é claro, um julgamento errôneo. Mas se a teoria for verdadeira, uma pessoa que acredita na teoria não faria nenhum julgamento errôneo sobre isso. Seu julgamento seria “Eu percebo as coisas como no tempo, e não posso percebê-las de outra maneira, mas elas não estão realmente no tempo, mas são atemporais”. Nesse julgamento, não haveria erro. E, portanto, a percepção das coisas no tempo não deve ser considerada um erro. Esconde, mais ou menos, a verdadeira natureza das coisas, mas não envolve fazer nenhum julgamento falso sobre sua natureza.

E como a percepção das coisas no tempo não envolve necessariamente um erro, segue-se que, quando o erro existe, e é removido, não altera a percepção das coisas no tempo. Se eu começar sustentando a visão - que pode estar errada, mas certamente é a visão mais óbvia - de que as coisas estão realmente no tempo e, em seguida, sou convencido por argumentos filosóficos de que elas são realmente atemporais, continuarei, no entanto, a perceber as coisas no tempo.

Assim, devemos conceber nossa percepção das coisas no tempo como sendo uma ilusão, do mesmo caráter que aquelas que nos fazem ver o sol ao pôr do sol maior do que ao meio-dia, e nos fazem ver uma vara reta torta quando entra na água. Não acho que, depois da infância, o palito esteja realmente torto. Mas, por mais claramente que eu possa me satisfazer, seja pelo raciocínio ou pelo tato de que o graveto não mudou de forma desde que foi colocado na água, continuarei recebendo sensações visuais semelhantes àquelas que me seriam dadas por um pedaço de pau torto no ar. Desse tipo é a ilusão do tempo - embora seja muito mais geral e muito mais difícil de entender. Esconde parte da verdade, sugere um julgamento errado - pois a conclusão óbvia de nossa experiência, como disse agora, é sustentar que as coisas estão realmente no tempo. Mas isso não envolve necessariamente um julgamento errado, e não é removido por um julgamento correto.

13. Que relação, então, o Tempo mantém com a Eternidade em uma teoria como essa? A resposta, penso eu, varia. Quando vemos a existência sob a forma do tempo, a teoria nos diz, para vê-la mais ou menos como realmente não é. Ao mesmo tempo, a aparência não é *mera* ilusão. Percebemos, apesar dessa forma ilusória de tempo, algo da natureza real da realidade atemporal. Portanto, se olharmos através de uma janela de vidro vermelho, veremos os objetos do lado de fora corretamente quanto à sua forma, tamanho e movimento, embora não corretamente suas cores. A questão é, obviamente, muito mais complicada aqui. Não podemos dar a volta do outro lado do tempo, como podemos do outro lado do vidro e, assim, descobrir por observação direta que parte de nossa experiência anterior se deveu à forma do tempo. E alcançar e justificar uma idéia de qual pode ser a verdadeira natureza atemporal da existência, é uma tarefa muito difícil, embora eu ache que não seja impossível. Devemos nos contentar aqui com o resultado geral de que, onde a existência nos aparece sob a forma do tempo, a vemos parcialmente, mas não inteiramente, como realmente é.

Portanto, a maneira pela qual, em qualquer momento do tempo, nossa percepção da existência é mais ou menos inadequada. E me parece que a relação do tempo com a Eternidade depende da relativa inadequação de nossa visão da realidade em diferentes momentos do tempo.

A questão decisiva - essa é a teoria que desejo colocar diante de você - é se existe alguma lei segundo a qual os estados no tempo, conforme passamos de estados anteriores para posteriores, tendem a se tornar representações mais adequadas ou menos adequadas da realidade atemporal.

14. Vamos primeiro considerar o que aconteceria se não houvesse tal lei. Nesse caso, não haveria tendência para o futuro, porque o que seria futuro se compararia com a realidade atemporal mais ou menos do que o presente. Pode haver oscilações, mesmo assim, na adequação com que o tempo representou a Eternidade. Em um momento, minha visão do universo pode distorcer a verdade tanto mais ou menos do que minha visão do momento anterior. Mas essas oscilações são como as ondas do mar. Em um momento específico, a superfície em um ponto específico pode ser mais alta do que no momento anterior. Mas isso não nos dá a menor razão para concluir que uma hora depois também será maior do que era no momento anterior, ou que a altura média está subindo.

Se a adequação das representações-temporais estiver nessa condição, que a relação do Tempo com a Eternidade será expressável, penso eu, da mesma maneira que a expressamos quando o Tempo e a Eternidade foram tomados como igualmente reais. Ou seja, a metáfora mais apropriada para a relação é considerar a Eternidade como um presente, mas isso não passa

de uma metáfora.

A metáfora é apropriada pelos mesmos motivos de antes. Em primeiro lugar, a relação da Eternidade com o tempo é constante. Em alguns momentos particulares do tempo, como eu disse, podemos obter uma representação menos adequada da Eternidade do que em outros, mas se tomarmos o tempo como um todo, nem se aproxima da Eternidade nem diverge dela. E, pelas razões explicadas acima, existe uma certa conveniência em usar a presentidade como uma metáfora para essa relação imutável.

Em segundo lugar, a metáfora é apropriada aqui, como era antes, para expressar a realidade do eterno. O eterno não tem aquela realidade diminuída que atribuímos ao passado e ao futuro. De fato, sua realidade é relativamente maior aqui do que na outra teoria. Naquela teoria, o Eterno era geralmente o mais real, pois geralmente incluía Deus ou o Absoluto. Mas aqui é um resultado inevitável da teoria de que o Eterno não é apenas o mais real, mas a única realidade verdadeira. É mais importante do que antes, portanto, expressá-lo por uma metáfora extraída da maior realidade no tempo.

Em terceiro lugar, o Eterno certamente deve, nesta teoria, ser considerado como exercendo influência causal imediata, ou melhor, como tendo uma qualidade cuja influência causal é uma representação imperfeita. Pois tudo depende da natureza do eterno, que é a única realidade verdadeira.

Ao mesmo tempo, dizer que o eterno está eternamente presente permanece apenas uma metáfora. Não é uma descrição literalmente correta. O presente, como vimos, é essencialmente uma determinação-temporal, e o eterno não está no tempo.

15. Até agora, penso eu, não disse muita coisa controversa e, certamente, nada que eu deva reivindicar como original. Mas agora tenho uma tese a apresentar que, seja original ou não, é certamente controversa. Afirmando que, embora para nós, que julgamos no meio das séries-temporais, a presentidade do eterno nunca possa ser mais do que uma metáfora, ainda assim, sob certas condições, a afirmação de que o eterno era passado ou futuro pode ser muito mais que uma metáfora. Esta afirmação sem dúvida parecerá altamente paradoxal. O eterno é o atemporal, e como o atemporal pode ter uma posição na série-temporal? Ainda assim, acredito que essa posição possa ser defendida e agora tentarei esboçar minha defesa.

16. Até agora, consideramos o que aconteceria se não houvesse lei de acordo com a qual estados no tempo, visto que passamos de estados anteriores para posteriores, tendem a se tornar representações mais adequadas ou menos adequadas da realidade atemporal. Mas o que aconteceria se houvesse tal lei?

Os eventos no tempo ocorrem em uma ordem - uma ordem fixa e irreversível. O flash de um canhão distante é percebido antes do estrondo. O estrondo não é percebido antes do flash. A Batalha de Waterloo foi travada antes da aprovação da Lei de Reforma (*Reform Bill*). A Lei de Reforma não foi aprovada antes da batalha de Waterloo. Agora, o que determina essa ordem?

A mera forma de tempo não o faz. Se as coisas acontecem com o tempo, devem ocorrer em uma ordem, e em uma ordem fixa e irreversível. É o que a natureza do tempo demanda. Mas não nos ajuda quanto ao que será a ordem. Se a Batalha de Waterloo e a aprovação da Lei de Reforma ocorrem no tempo, a natureza do tempo exige que sejam simultâneos, ou que a Batalha anteceda a Lei, ou que a Lei anteceda a Batalha. Mas não nos ajuda a determinar qual dessas três alternativas deve ser adotada.

O que determina a ordem dos eventos no tempo, na suposição, que agora estamos discutindo, de que o Tempo é apenas uma maneira ilusória de considerar uma realidade atemporal? Eu acredito que há boas razões para sustentar que a ordem é determinada pela adequação com a qual os estados representam a realidade eterna, de modo que esses estados imediatamente unidos apenas variam infinitesimalmente no grau de sua adequação, e que todo o conjunto da série-temporal revela um processo estável de mudança de adequação - Eu não disse ainda em que direção.

Penso que algo pode ser dito para provar esta afirmação, mas gostaria muito mais do que um único trabalho para fazer isso, e não me proponho nem mesmo esboçá-la agora. Também não é necessário para o nosso propósito atual, que é apenas considerar qual seria a relação do Tempo com a Eternidade sob várias circunstâncias. Vamos agora considerar o que seria essa relação nessas circunstâncias.

17. Suponhamos, então, que os estados das séries-temporais sejam tais que cada estado seja uma expressão mais adequada da realidade do que o estado do lado oposto, e uma representação menos adequada da realidade do que o estado do outro lado, de forma que eles formam uma série contínua em relação à adequação de sua representação. E suponhamos que a mais adequada dessas representações - que será, é claro, em um final das séries - difere da realidade que representa apenas em uma quantidade infinitesimal. Qual é a relação aqui entre Tempo e Eternidade?

Isso dependerá da direção da série em que maior adequação será encontrada. Pode ser, em primeiro lugar, que os estágios posteriores da série-temporal sejam mais adequados que os estágios anteriores. Nesse caso, o estágio atual será mais adequado que qualquer outro no passado e menos adequado que qualquer outro no futuro.

Podemos ir além disso. Se o tempo é irreal, como supusemos, a ilusão de que o tempo existe não pode estar mais no tempo do que qualquer outra coisa pode. A série-temporal, embora uma série que nos dê a ilusão do Tempo, não é ela mesma no tempo. E a série é realmente, portanto, apenas uma série de representações, algumas mais adequadas e outras menos adequadas, organizadas na ordem de sua adequação. Essa - a série de adequação - é o único elemento serial que permanece real, se o tempo deve ser condenado como irreal.

Quando, portanto, dizemos que um certo estágio das séries temporais ainda está no futuro, a verdade real, se a teoria que estamos considerando estiver correta, é que o estágio em questão é uma representação menos inadequada da realidade atemporal da existência do que nosso estágio atual.

Agora, a própria realidade atemporal contém toda a sua própria natureza. E, portanto, permanecerá com a menor inadequação das representações de si mesma, já que isso representa a próxima menos inadequada, e assim por diante. Como, segundo nossa hipótese, as representações da realidade nas séries-temporais se aproximam da realidade até que a inadequação finalmente se torne infinitesimal, a última das séries de representações-temporais diferirá apenas infinitesimalmente da própria realidade. E, visto que o tempo é contínuo, o estágio anterior ao último será diferente do último no mesmo sentido - sendo infinitesimalmente menos adequado.

Assim, a realidade atemporal - o Eterno - pode ser considerada como o último estágio de uma série, dos quais os outros estágios são aqueles que percebemos como séries-temporais - aqueles estágios mais próximos da realidade atemporal são aqueles que percebemos como os estágios posteriores no tempo. Quando, portanto, olhamos as coisas como no tempo - como devemos olhar para elas - devemos conceber o Eterno como o estágio final do processo-temporal. Devemos concebê-lo como estando no futuro e como sendo o final do futuro. O tempo corre para a Eternidade, e cessa na Eternidade.

18. Essa conclusão será, sem dúvida, rejeitada por muitas pessoas sem um maior exame mais como absurdamente grosseiro. Como o atemporal pode ter uma posição no final de uma série-temporal? Como a Eternidade pode começar quando o Tempo cessa? Como a Eternidade pode começar de todo?

A resposta para essas objeções, penso eu, é a seguinte: é claro que, sob esse ponto de vista, a Eternidade não é realmente futura, e nem realmente começa. Pois o Tempo é irreal e, portanto, nada pode ser futuro e nada pode começar. Qual é, então, a justificativa de considerar a Eternidade como futura? Isto repousa, sustento eu, no fato de que a Eternidade é tão futura

quanto qualquer coisa pode ser. É tão verdadeiramente futuro quanto o amanhã ou o próximo ano. E, portanto, quando, tomando o Tempo como real, como devemos fazer na vida cotidiana, nos esforçando para estimar a relação do Tempo com a Eternidade, podemos legitimamente dizer que a Eternidade é futura. Do ponto de vista do tempo, os eventos de amanhã e do próximo ano são futuros. E se a Eternidade é tão verdadeiramente futura quanto eles, é legítimo dizer que a Eternidade é futura. Não é absolutamente verdade, mas é tão verdadeira quanto qualquer outra afirmação sobre o futuro. E é muito mais verdadeiro do que dizer que a Eternidade é presente ou passada.

Recapitemos. Se o tempo é irreal, a série-temporal é uma série de representações mais ou menos adequadas da realidade atemporal, e essa série em si não está realmente no tempo. Se o que determina a posição dos estágios nas séries temporais são os diferentes graus de adequação com os quais eles representam a realidade atemporal, então a série que não é realmente uma série no tempo, é realmente uma série de graus de adequação. Se o mais adequado desses estágios tem apenas uma inadequação infinitesimal, a realidade atemporal, em sua própria completude, forma o último estágio da série. E se a distinção entre estágios anteriores e posteriores é que os posteriores são os mais adequados, então - como o futuro é posterior ao presente - devemos colocar a realidade atemporal no futuro, e no final do futuro.

Assim, dizer que a Eternidade é futura nessa teoria é muito mais preciso do que era, nos dois casos anteriores, dizer que a Eternidade era presente. Pois nesses casos Eternidade, embora tenha alguma analogia com o presente, não é tão presente quanto a luz do dia de hoje, que está presente em sentido mais amplo. Mas, neste caso, a Eternidade é tão realmente futura quanto a luz do sol de amanhã, que é, no sentido mais amplo, futura. A presença da Eternidade era apenas uma metáfora. A futuridade, neste caso, é tão verdadeira quanto qualquer futuridade.

19. Vamos passar para outro caso. Suponhamos, como antes, que a verdade da série-temporal fosse uma série de representações organizadas por seus graus de adequação, e continuando até que o termo extremo da série, diferem apenas da realidade atemporal em uma quantidade infinitesimal. Mas vamos supor que a série siga outro caminho, de modo que os membros mais adequados aparecem como estágios iniciais da série-temporal, e os membros menos adequados aparecem como estágios posteriores da série-temporal. Nesse caso, deveríamos considerar a realidade atemporal como o começo do passado, e não o fim do futuro. Deveríamos ter que nos considerar como tendo começado a partir dele, não como destinados a alcançá-lo. É óbvio que, do ponto de vista prático, a diferença entre esses dois casos pode ser muito grande - voltarei à importância prática da relação posteriormente. Parece-me que existem

razões para supor que o primeiro dos dois casos é o que realmente existe, e que a Eternidade deve ser vista como no futuro e não como no passado. Mas nosso objetivo aqui é meramente perceber que, se o segundo caso for verdadeiro, e os membros mais adequados são os que aparecem como anteriores, então a Eternidade deve ser considerada como no passado.

20. Posso mencionar um terceiro caso, embora eu ache muito improvável. Vamos supor que os estágios da série foram organizados, não simplesmente em ordem de adequação, mas com base em algum princípio que colocasse os menos adequados no meio, e os tornasse mais adequados ao passo que divirjam disso em ambas as extremidades. E suponhamos, como antes, que as representações mais adequadas apenas diferem da realidade atemporal infinitesimalmente. Então fica claro que a realidade atemporal representaria o anterior membro da série, assim como o anterior próximo. E também está claro que a realidade atemporal permaneceria para o último membro assim como para o próximo mais recente. E, portanto, a realidade atemporal seria um termo em cada final da série, que começaria e retornaria a ela. Nesse caso, deveríamos considerar o Eterno tanto como o início do passado, quando o final do futuro.

21. Assim, vemos que, sob certas suposições, pode-se dizer que o Eterno é passado ou futuro, não apenas como uma metáfora, mas com tanta verdade quanto qualquer outra coisa que possa ser passada ou futura. Mas esse não é o caso do presente. Em nenhuma suposição poderíamos ser justificados ao dizer agora que o Eterno era presente. Se fosse presente, teria a relação com nossa posição atual na série-temporal que o presente tem - isto é, é claro, teria que ser idêntico a ele. E a realidade atemporal certamente não é idêntica a uma posição como a atual, que a representa como no tempo e, portanto, de acordo com nossa teoria, a representa inadequadamente. Em várias suposições, como vimos acima, a *metáfora* mais apropriada para o Eterno é a de um presente eterno. Mas, sob nenhuma hipótese, pode ser mais do que uma metáfora.

22. Resta dizer que, como nos casos em que o Eterno é considerado como o fim do futuro ou o começo do passado, é possível que o passado ou o futuro em questão tenham um comprimento infinito. Não vejo nada que deva excluir essa suposição e nos permitir afirmar que o presente foi alcançado em um tempo finito a partir do Eterno, ou que o Eterno será alcançado em um tempo finito a partir do presente.

Em matemática, aquilo que apenas acontece em uma distância infinita é o mesmo que aquilo que nunca acontece de todo. Assim, duas linhas retas paralelas são ditas se encontrarem em uma distância infinita. Visto que os matemáticos adotam esse método de expressão,

provavelmente há alguma conveniência real para a matemática. Mas, além das convenções dessa ciência especial, parece-me que há uma diferença muito real entre uma série que chega a um resultado após um processo infinitamente longo, e uma série que nunca atinge esse resultado de todo.

Mesmo assim, se as séries de estágios que intervêm entre a realidade presente e a atemporal fossem tais que parecessem um tempo infinitamente longo, eu não veria impropriedade em falar da realidade atemporal como o estágio extremo da série, de onde ela começou, ou no qual ela alcançou. Ao mesmo tempo, não vejo mais razão para supor que o comprimento seja infinito do que supor que seja finito.

23. Proponho dedicar o restante deste artigo a uma consideração de alguns aspectos da possibilidade de que possa ser correto considerar a Eternidade como o fim do futuro.

Veremos que essa visão tem uma semelhança muito forte com uma visão cristã muito comum. O céu cristão às vezes é visto como duradouro por um tempo sem fim. Mas também é frequentemente visto como um estado atemporal. Ao mesmo tempo, geralmente é encarado como no futuro. Não estamos nele agora. Nós não estivemos nele antes do nascimento - na verdade, a maioria dos cristãos nega que existimos antes do nascimento de nossos corpos atuais. Estamos separados dele pela morte - não, de fato, que somente a morte nos colocaria nele, mas que não o alcançaremos até que passemos pela morte.

Esta não tem sido a visão universal do cristianismo, mas acho que não se pode negar que geralmente se afirma que o céu estava no futuro. O céu pode ser considerado um estado da mente, não um lugar ou um ambiente. Mas ainda é um estado da mente que ainda está para nós no futuro. “Agora vemos no espelho, sombriamente; mas depois cara a cara” (1ª Epístola aos Coríntios xiii. 12.). O início pode estar presente aqui, mas não a conclusão. Além disso, mesmo o que é alcançado na Terra deve ser alcançado, para ser ganho onde não foi antes, e assim foi uma vez no futuro e permanece para muitos homens no futuro.

Esta visão do paraíso cristão tem sido severamente criticada ultimamente, tanto dentro como fora do cristianismo. Foi dito que o paraíso, se é perfeito, deve ser atemporal e que geralmente é admitido como atemporal, e que, portanto, é absurdo colocá-lo no futuro; e deveria ser considerado um presente eterno.

Os críticos têm uma certa justificativa subjetiva. Eles investigaram a relação do Tempo com a Eternidade mais profundamente do que a maioria daqueles que defendem a visão criticada. Eles perceberam as dificuldades de dar à Eternidade um lugar no final da série-temporal, enquanto muitos dos que sustentavam que o paraíso era futuro não perceberam essas

dificuldades. No entanto, devemos sustentar que a visão do paraíso como agora futuro pode, sob certas circunstâncias, ser muito mais verdadeira do que a visão do céu como agora presente poderia ser sob qualquer circunstância.

Vamos recapitular mais uma vez as condições. O Eterno pode ser corretamente considerado como futuro se o tempo for irreal, se a série que nos parece uma série-temporal for uma série de representações organizadas de acordo com a adequação, se a mais alta das séries diferir apenas em uma quantidade infinitesimal da realidade representada e se são as mais adequadas representações que aparecem como as mais recentes da série.

Agora, muitas pessoas que consideram o paraíso como futuro sustentariam que ele seria alcançado gradualmente, ao avançar estágios que se elevaram até o último, levando à perfeição atemporal, sem qualquer quebra de continuidade, e que o mais alto desses estágios viria mais tarde. Três das quatro condições são assim cumpridas. O primeiro - que é irreal - é, certamente, menos frequente. Mas se isso é combinado com os outros três - como costuma ser, e pode muito bem ser -, parece-me que a idéia de um paraíso atemporal como futuro é bastante justificável, e que os cristãos que sustentam essa crença, embora não vendo tão profundamente como críticos como Sr. Bradley e Sr. Haldane, de fato apreenderam a verdade, embora sem ver muito claramente por que era verdade.

24. A importância prática da questão de saber se o Eterno pode ser visto como futuro me parece enorme. A questão suprema, do ponto de vista de importância prática, é se o bem, ou o mal, predomina no universo e em que proporção. A importância prática da filosofia consiste, não está na orientação que ela nos dá na vida - ela nos dá, penso eu, muito pouco -, mas na chance de responder a essa suprema pergunta de um modo agradável, de poder fornecer alguma solução que seja um consolo e um encorajamento.

De que maneira podemos esperar fazer isso? Isso não pode ser feito por indução empírica. Mesmo admitindo que dispomos de evidências para chegar a uma conclusão favorável sobre o estado das pessoas neste planeta no momento atual - e isso é tudo que podemos saber empiricamente - seria uma base muito pequena para uma indução que nos daria a mínima probabilidade em relação ao universo como um todo ao longo do tempo.

A crença em um Deus que está do lado do bem tem sido um dos apoios no qual os homens frequentemente tentam basear uma solução otimista dessa questão. Mas, mesmo se aceitarmos a existência de um Deus assim, ele por si só não fornecerá terreno suficiente para o que buscamos. Estamos arrasados contra a velha dificuldade - a dificuldade que Agostinho declarou com perfeita clareza e que os teístas, em todos os séculos que se passaram, nunca

evitaram. Ou Deus pode fazer tudo o que ele gosta, e então o mal, como existe, não pode ser repugnante para ele, e sua existência não oferece fundamento para limitar sua extensão ou duração. Ou, então, Deus não pode fazer tudo o que gosta, e então não podemos ter certeza de que o mal, apesar dos esforços de Deus, não pode predominar sobre o bem agora e estar destinado a aumentar no futuro.

Tentativas foram feitas para provar a predominância do bem na natureza intrínseca do bem e do mal. Mas aqui, como me parece, qualquer argumento que prove alguma coisa prova demais, pois todos tendem a provar que não há mal de todo. E esse argumento pode, temo, ser descartado como uma *reductio ad absurdum*.

25. Que outro curso resta - para aqueles entre nós que não são tão felizmente constituídos a ponto de acreditar em uma coisa porque queremos nela acreditar? Uma tentativa de solução permanece - aquela na qual foi criado o otimismo mais magnífico que a filosofia já viu, o otimismo de Hegel. Essa solução repousa na irrealidade do Tempo. Somente a realidade Eterna existe, e o Eterno é perfeitamente bom. Todo o mal que supomos existir é parte do elemento-Tempo, que supomos erroneamente existir. E então não há mal de todo.

Essa solução, no entanto, na forma que toma com Hegel, não nos dará o que buscamos. Em primeiro lugar, não há realmente nenhum resultado otimista. Dizer-nos que o mal é irreal não torna o que pensamos ser o mal menos desagradável de sofrer ou pelo menos deprimente de esperar. E mesmo que isso tenha afetado as pessoas que sabem a verdade, e as pessoas que não a conhecem? O único fundamento de otimismo seria encontrado na crença de que essa ilusão do mal era limitada em quantidade ou transitória em duração aparente. E a afirmação de sua irrealidade não nos permite limitar o tamanho ou a duração da nossa ilusão dessa realidade.

Em segundo lugar, não acho que a teoria possa ser aceita como verdadeira. É possível que não exista pecado - na verdade, se o tempo for irreal, parece inevitável que não exista pecado. É até possível que não haja dor - embora isso não seja tão simples. Mas o mal é mais amplo que o pecado ou a dor. E parece-me, de qualquer forma, certo de que até a ilusão de que sou pecador ou com dores é má. Posso não ser realmente pecador ou sofrer muita dor, mas, em certo sentido, a ilusão do pecado ou da dor existe, e isso é um mal real. Se duvidarmos, perguntemos se não deveríamos pensar melhor no universo se uma dada ilusão de pecado ou dor fosse substituída por uma experiência de virtude ou prazer. Ou vamos perguntar se não devemos culpar um criador que desnecessariamente inseriu essas ilusões no universo que ele criou.

26. Mas se abandonarmos a tentativa de basear uma solução otimista na irrealidade do

tempo através da irrealidade do mal, ainda há outra maneira pela qual a irrealidade do tempo pode nos ajudar.

É um fato certo - que um dia pode ser considerado, mas que não pode ser negado, seja ou não representado - que o bem e o mal no futuro nos afetem de maneira bem diferente do bem e do mal no passado. Suponhamos dois homens, um dos quais ficou muito feliz por um milhão de anos e estava prestes a ficar muito infeliz por mais um milhão de anos, enquanto o outro estava muito infeliz por um milhão de anos e agora estava prestes a ficar muito feliz pelo mesmo período. Se supusermos que, em uma hora neutra entre os dois períodos, para lembrar o passado e ter certeza do futuro, é certo que o segundo estaria em uma posição muito mais desejável que o primeiro, embora a quantidade total de a vida que cada um contemplaria mostra exatamente a mesma quantidade de prazer e dor.

O mal passado, como tal, não nos entristece como o mal futuro. Podemos ficar tristes com os resultados que ele deixou para trás no presente, ou que se espera que apareçam no futuro - se esses resultados são maus, o que obviamente não é sempre o caso dos resultados atuais de males passados. Ou a lembrança do mal passado pode nos reinventar que o universo não é totalmente bom e nos fazer temer pelo mal no futuro. E um mal passado específico pode nos dar, não apenas essa apreensão geral, mas razões particulares para enfrentar, algum mal futuro específico. E, mais uma vez, se o mal passado foi causado pela perversidade de qualquer pessoa, o fato de que o mal já passou não afetará o fato de que a pessoa responsável ainda é perversa, a menos que de fato tenha melhorado e se arrependido.

27. Se, portanto, chegássemos a uma teoria do universo que fosse incapaz de negar a existência do mal, ou de afirmar que, durante todo o tempo, o bem predominou sobre o mal, ou que o fez no presente, ainda haveria uma chance de otimismo. Se tal teoria fosse capaz de afirmar que, qualquer que seja o estado do universo agora, inevitavelmente melhoraria, e o estado de cada indivíduo consciente nele inevitavelmente melhoraria, até atingirem um estado final de perfeita bondade, ou pelo menos de bondade muito grande - certamente isso seria aceito como uma teoria agradável. Certamente isso daria, tanto quanto qualquer crença pode dar, consolo e encorajamento nos males do presente. De fato, é uma teoria quase tão favorável quanto possível, pois se formos muito além disso na direção do otimismo, em breve chegaremos à negação do mal e, então, como foi dito acima, nossa teoria se romperá contra fatos que não podem ser negados.

28. Mas como essa teoria poderia ser estabelecida? Nenhuma evidência empírica que pudéssemos alcançar forneceria a menor presunção em favor de uma conclusão tão vasta. E

como podemos provar *à priori* que o bem predominará sobre o mal no futuro do que no passado ou no presente? Que ligação um raciocínio *à priori* pode encontrar entre o posterior e o melhor?

Não vejo como isso pode ser feito se o Tempo for considerado real. Mas se o tempo não for real, vejo uma possibilidade - não me atrevo a dizer mais no momento - de uma tal demonstração. Vejo a possibilidade de mostrar que a realidade atemporal seria, não digo desmesuradamente boa, mas muito boa, melhor do que qualquer coisa que possamos experimentar ou até imaginar. Vejo a possibilidade de mostrar que tudo o que esconde essa bondade de nós - na medida em que está oculta - é a ilusão do tempo. E vejo a possibilidade de mostrar que as diferentes representações que nos aparecem como séries-temporais estão em tal ordem que as que aparecem mais tarde são as mais adequadas, e a última apenas difere infinitesimalmente da realidade atemporal. Nesse caso, devemos considerar o Eterno como o final do Tempo; e o Tempo como essencialmente o processo pelo qual alcançamos o Eterno e sua perfeição.

A realidade do Eterno só pode dar conforto para nós, então, se a concebermos como futura, pois é para o futuro que o otimismo deve olhar. Também não vejo como podemos encarar o futuro de maneira otimista, a menos que o consideremos como a manifestação progressiva do Eterno. Caso isso possa ser feito, ficará para o futuro dizer - as possibilidades de que falei podem revelar-se demonstrações ou meras falácias. Só vejo a chance de uma solução feliz na relação Tempo e Eternidade e, como a filosofia está atualmente, não a vejo em nenhum outro lugar.